



**DAS CONVERSAS EM RODA À RODA DE CONVERSA:  
EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA COM HISTÓRIA ORAL E  
INSTITUCIONALIDADES EPISTÊMICAS TRADICIONAIS DA  
COMUNIDADE ILHA DE SÃO JOSÉ**

***DE LAS CONVERSACIONES EN CÍRCULO A LOS CÍRCULOS DE  
CONVERSACIÓN: EXPERIENCIAS DE INVESTIGACIÓN CON  
HISTORIA ORAL E INSTITUCIONALIDADES EPISTÊMICAS  
TRADICIONALES DE LA COMUNIDADE ILHA DE SÃO JOSÉ***

DERNIVAL VENÂNCIO RAMOS JUNIOR  
[0000-0001-5092-1199](https://orcid.org/0000-0001-5092-1199)

Doutor em História pela UnB  
Professor Adjunto da UFNT  
[dernivaljunior@gmail.com](mailto:dernivaljunior@gmail.com)

JOSIEL FERREIRA DOS SANTOS  
<https://orcid.org/0000-0003-2528-8939>

Mestrando em Estudos de Cultura e Território da UFNT  
Graduado em História pela UFNT  
[josieltaxista@gmail.com](mailto:josieltaxista@gmail.com)

**RESUMO:** Este artigo descreve experiências que articulam a História oral e institucionalidades epistêmicas tradicionais da Comunidade Ilha de São José, deslocada pela construção da UHE de Estreito no Rio Tocantins. Essa articulação foi pensada a partir da ideia de ecologia de saberes e objetivava construir conhecimento coletivamente, tentando superar hierarquias epistemológicas entre sujeitos e institucionalidades acadêmicas e tradicionais. Os resultados indicam o potencial não apenas acadêmico da experiência, mas, de maneira especial, o impacto social da experiência no grupo de pessoas deslocadas que, de modo espontâneo, compareceram ao local da roda de conversa e acompanharam a narrativa dos anciãos sobre a história da comunidade.

**PALAVRAS-CHAVES:** Metodologia, História oral, Roda de conversa.

**RESUMEN:** Este artículo describe experiencias que articulan la Historia oral y las institucionalidades epistêmicas tradicionales de la Comunidad Insular de São José, desplazada por la construcción de la UHE Estreito en el río Tocantins. Esta articulación se diseñó a partir de la idea de ecología de los saberes y tuvo como objetivo construir conocimiento de manera colectiva, tratando de superar jerarquías epistemológicas entre sujetos e instituciones académicas y tradicionales. Los resultados indican no sólo el potencial académico de la experiencia, sino, de manera especial, el impacto social de la experiencia en el grupo de



desplazados que, espontáneamente, asistieron al lugar del círculo de conversación y siguieron la narrativa de los mayores sobre la historia de la comunidad.

**PALABRAS CLAVE:** Metodología, Historia oral, Círculo de conversación.

## **INTRODUÇÃO**

Objetivo deste artigo é relatar uma experiência metodológica realizada durante a pesquisa sobre a Comunidade Ilha de São José. Essa comunidade é uma das impactadas pela UHE de Estreito no Rio Tocantins, fronteira entre os estados do Tocantins e Maranhão. A comunidade teve o seu espaço-território destruído pelo lago que se formou com o represamento do Rio Tocantins no ano de 2010. Para a consecução da pesquisa, dialogamos com os homens e mulheres mais idosos da comunidade, no intento de que suas interpretações da história da comunidade sulleassem<sup>1</sup> a escrita de monografias, artigos e dissertações de mestrado na Universidade Federal do Norte do Tocantins.

A pesquisa, inicialmente, seria realizada através da metodologia de História oral, mas o trabalho de campo e a pesquisa documental, levaram-nos a uma forma de transmissão de saberes através da oralidade que essa comunidade praticava tradicionalmente, a conversa em roda. Temos registros fotográficos de conversas em rodas tanto em momentos de trabalho coletivo, os chamados mutirões, quanto em momentos de socialidade. Essas fotografias, das quais falaremos mais abaixo, foram tiradas por membros da família Novato, um dos clãs da comunidade. Ao que tudo indica, era através delas que os anciões compartilhavam com os mais jovens, diversos saberes necessários à reprodução da vida comunitária. Nesse sentido, assumimos essas rodas como institucionalidades tradicionais da comunidade e pretendemos articulá-la com institucionalidades metodológicas acadêmicas como a História oral. Para tanto, organizamos com membros da Comunidade Ilha de São José uma roda de conversa em 2018.

Essa tarefa fora facilitada porque um dos pesquisadores envolvidos na atividade, e coautor deste texto, é nascido na comunidade e, atualmente, mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território, identificado, também, com a História oral desde a graduação em História. Por parte da comunidade, participaram da roda de conversa Seu Bander (98) (faleceu no dia 06 de junho de 2022) e Dona França (89) (faleceu no dia 11 de março de 2021), Dona Iraci (78) e Seu Raimundinho (73). Por parte da universidade,

---

<sup>1</sup> Como partimos de a discussão sobre a necessidade desencobrir o Sul teórico (Ramos, 2020), optamos por não usar metáforas geográficas como a palavra “nortear” e a substituímos por sulear, como usa Paulo Freire em Pedagogia a esperança (1992).



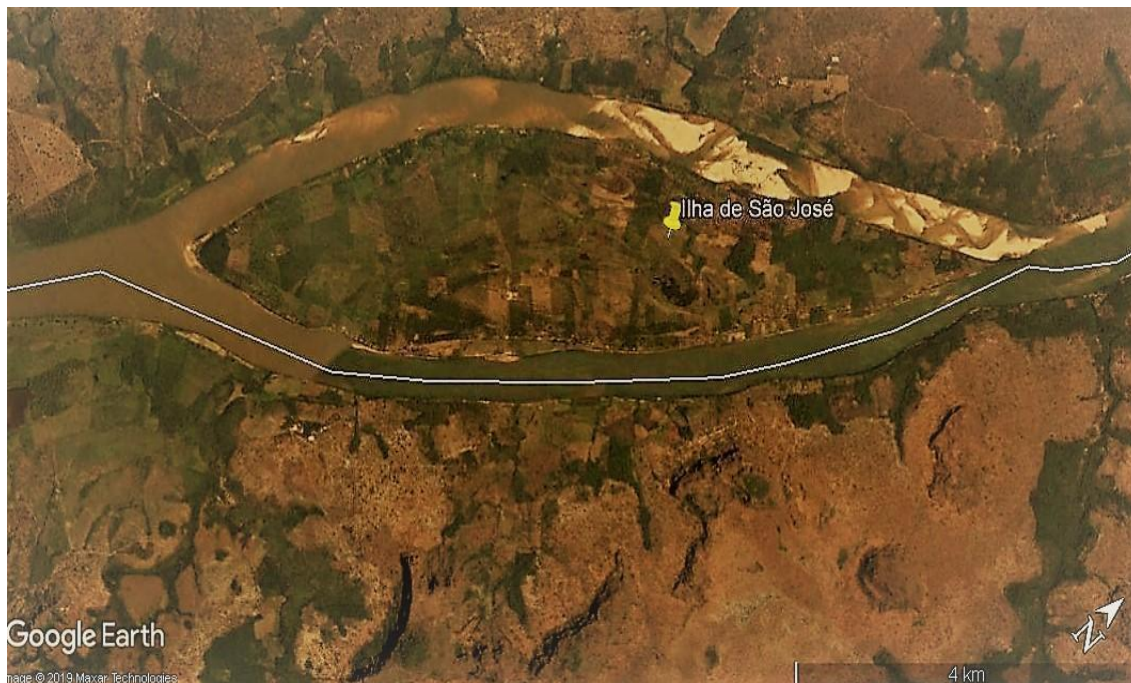
participaram Darnival Venâncio Ramos Júnior, Bruna Silva Cardoso, Pláblío Marcos Martins Desidério e Josiel Ferreira dos Santos, ribeirinho deslocado e pesquisador em formação. Ficou acordado que, por mais que tivéssemos um roteiro e fôssemos gravar a sessão em áudio e vídeo, o diálogo seguiria os rumos que os/as anciã(o)s dessem a ela, inclusive se quisessem nos interpelar sobre as informações e interpretações sobre a história da comunidade que pudéssemos haver acumulado por meio de leituras de documentos escritos, realização de entrevistas e coleta de fotografias nos arquivos domésticos da família.

Antes de entrarmos na descrição da experiência metodológica, contextualizaremos a Comunidade Ilha de São José a partir dos dados construídos na sessão da roda de conversa e nas entrevistas individuais de História oral realizadas pelos autores deste artigo.

### **A ilha e (d)os novatos**

Uma ilha, como todos sabem, é um território rodeado de água por toda sua extensão. A Ilha de São José era rodeada pelo Rio Tocantins e hoje, devido à construção da Hidrelétrica de Estreito, está submersa a cerca de 6 metros abaixo do nível do rio. Ela está localizada a 35 km da cidade de Babaçulândia – TO, município do qual a Comunidade fazia parte. Ela tinha a extensão, segundo seus antigos moradores, de aproximadamente 300 alqueires; cerca de 13 km de comprimento por aproximadamente 7 km de largura e era dividida, pelos moradores, em dois braços, sendo o do Maranhão e o do Tocantins. A parte mais rasa do rio é o braço do Estado do Tocantins onde ficava as paías, já o braço do Estado do Maranhão era onde ficava a parte mais profunda do rio, ou seja, permitia a navegação todo o ano. Os moradores se orientavam, também, a partir da classificação em ponta de cima (mais próxima da cidade de Babaçulândia/TO e ponta de baixo mais próxima da cidade de Estreito/MA), sendo que a Comunidade pertencia ao município de Babaçulândia. A imagem abaixo retirada do *Google Maps* mostra a extensão da Ilha de São José.

### IMAGEM 1 – ILHA DE SÃO JOSÉ, VISTA POR SATÉLITE



Fonte: Google Earth Pro 2019.

Não existe certeza sobre o quando e o porquê a Ilha recebeu o nome de São José. Uma hipótese plausível é devido ao ribeirão São José, que deságua no Rio Tocantins em frente a Ilha no braço do Maranhão. Levando em consideração que os rios eram um dos caminhos que os sujeitos usavam em sua locomoção até recentemente e que a Ilha foi “povoada” por processos ligados à navegação, ela pode ter recebido o nome em homenagem ao referido ribeirão. Quando questionamos a origem do nome, Dona França nos responde: “não sei a origem (...) porque do outro lado do Maranhão tem um ribeirão que se chama São José, mas eu não sei é por causa disso. A barra dele entrava no rio [Rio Tocantins] por baixo da ponta da Ilha, do lado de lá, do Maranhão”. (Francelina Coelho de Sousa, entrevista oral, 14 setembro de 2018).

Quando os Novatos, José de Carvalho e Francisca Ribeiro chegaram à Ilha, isso por volta de 1870, ela já era habitada. José de Carvalho, conheceu Francisca Ribeiro no Estado do Maranhão, casaram-se e mudaram para o Antigo Norte de Goiás, hoje Estado do Tocantins, por volta da década de 1870. Seu Bander conta que “Lá foi onde ele arranhou o casamento, casou, depois de casado é que ele veio pro Goiás, mas ficou morando beira Rio Tocantins, mas bem aí, criou um bucado de filho lá” (Josué Ferreira de Carvalho, entrevista oral, 14 setembro de



2018). José teria vindo de Portugal para o Brasil à procura de seu pai, que era um imigrante português. Como contou Seu Bander:

Meu avô eu não conheci, conheci a avó. Quando eu tomei entendimento ele já tinha morrido. Então dizendo ele que era lá de Portugal, ele veio para o Brasil diz que atrás do pai dele que tinha vindo para o Brasil e não tinha aparecido lá mais, aí ele para ver se achava o pai, aí eu não sei se o pai já tinha morrido ou se estava para um canto e ele caçou para outro, de certo que não encontrou. (Josué Ferreira de Carvalho, entrevista oral, 14 setembro de 2018).

Lá o casal teve muitos filhos, nove no total, mas os dois primeiros faleceram poucos dias depois do nascimento. Pensavam que era pelo local e se mudaram para mais perto do Rio Brejão e de um olho d'água que era chamado de fontinha. Nesse lugar tiveram os outros sete filhos: Antônia Ribeiro de Carvalho, Augusto Ribeiro de Carvalho, Daniel Ribeiro de Carvalho, Leciano Ribeiro de Carvalho, Orfileno Ribeiro de Carvalho, Sátiro Ribeiro de Carvalho e Manuel da Paciência Carvalho. Sendo esse último o pai de Seu Bander. Seu Bander foi um dos nossos entrevistados e tinha 95 anos, pois era do mês de novembro e a entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2018, na cidade de Carmolândia-TO.

Para atravessar do Maranhão para o Antigo Norte de Goiás, as pessoas utilizavam barcos. Dessa forma, eles chamavam os que já moravam na Ilha para fazer a travessia, e por isso, eles foram apelidados de Novatos, por serem novos na região, como explica Seu Bander:

Aí tinha o apelido de Novato porque todos que chega num lugar assim frosteiro é novato ali né, aí pegou o apelido de novato e era conhecido como Zé Novato, é o apelido que o povo fala. Se qualquer um de nos chega num lugar assim frosteiro lá somos novato. (Josué Ferreira de Carvalho, entrevista oral, 14 setembro de 2018).

O apelido Novato tornou-se nome social da família na região. Manoel da Paciência casou-se com Ana Ferreira Virgulino, com quem teve 8 filhos, dentre esses Seu Bander (Josué Ferreira de Carvalho), que nasceu em 1922, e José Ferreira de Carvalho (1903 - 1989), ou como era conhecido, José Novato que teve também 8 filhos com Quitéria Germano da Silva (1912-1984). Três de seus filhos, Francelina Coelho de Sousa, Iraci Ferreira dos Santos e Raimundo Carvalho da Silva colaboraram com a pesquisa, compartilhando seus saberes através da roda de conversa realizada no quintal agroflorestral da casa do Seu Bander, no município de Carmolândia/TO no dia 08 de junho de 2018. O conhecimento histórico desses interlocutores, portanto, tem um lugar de enunciação: o do Clã Novato. Não foi possível entrevistar ninguém



do Clã Costa, e mesmo que as duas famílias estejam articuladas por casamentos de diversas gerações, é importante pontuar essa questão. Por outro lado, durante entrevistas individuais de História oral com pessoas dos Clãs Novato e Costa, os interlocutores foram indicados como aqueles que “possuem muita história” e que, por esse motivo, tem legitimidade do grupo todo para falar da história da comunidade.

### **Conversa em roda e roda de conversa: desafios da construção coletiva**

Neste tópico apresentamos alguns dos desafios que os pesquisadores enfrentaram para organizar a roda de conversa. Antes, contudo, apresentamos um pouco de como foi pensado e organizada diversas etapas da pesquisa. Traçamos um caminho que parte da escolha do tema a ser pesquisado, a realização de entrevistas individuais e coletiva, as transcrições e a análise que era proposto um diálogo entre os saberes científicos e artesanais (SANTOS, 2019). Adiantamos que não nos propusemos medir o valor dos conhecimentos, seguindo uma linha a partir de Boaventura de Sousa Santos que mostra “[...] os conhecimentos artesanais que circulam por toda comunidade são-lhe, no mínimo, tão bem conhecidos quanto o conhecimento científico que detém”. (SANTOS, p. 221, 2019). A essas articulações ele chama Ecologia dos saberes. (SANTOS, 2019).

O encontro entre os autores deste texto ocorreu ainda no primeiro período do curso de História de 2017. Os professores orientam a pensarmos no projeto de pesquisa quanto antes. Sendo assim, eu, Josiel, estava iniciando o curso de História e tinha como objetivo contar a história da Ilha de São José. Falei do meu desejo ao professor Plábio Marcos Martins Desidério, professor da disciplina Antropologia na época, que nos colocou em contato e informou da etapa que cada pesquisa estava. Tanto eu quanto Dernal já havíamos realizado algumas conversas com os atingidos pela barragem e os reassentados no assentamento Mirindiba, mas apenas um semestre depois, durante a disciplina de História da América I, que nos conhecemos e iniciamos a pesquisa. Falamos da Comunidade Ilha de São José por uma hora e articulamos naquele momento a parceria, formalizada na orientação do Trabalho de Conclusão de Curso. Na ocasião, combinamos uma viagem ao local, dentro do Lago da Usina de Estreito, onde estaria localizada a Ilha de São José.

Menos de um ano depois, no dia 18 de agosto de 2018, dia de sábado, fizemos uma viagem de campo às proximidades de onde ficava a Ilha de São José. Munidos de gravador e



caderno de campo para possíveis entrevistas com os poucos moradores que residem às margens do lago, fizemos o trajeto asfaltado entre Araguaína e a cidade de Babaçulândia, e depois, os outros 35 km de estrada de chão. Ao todo demoramos cerca de 1h e 40 minutos. Na chegada no local da residência de José Novato, um dos patriarcas do Clã e avô de Josiel Ferreira dos Santos, e onde reside familiares, pudemos olhar, de longe, a localização da Ilha de São José, onde restavam galhos e troncos de babaçus em decomposição. Em seguida, nos aventuramos nas águas do lago visando fotografar o que restava da ilha e, também, pescar o almoço. Depois da refeição fomos visitar a Dona França, a moradora mais velha da Ilha e no caminho repassamos os passos de uma entrevista em História oral e o roteiro que havíamos pensado. Apesar de preparados para realizar a entrevista, caso a oportunidade aparecesse, este não era a intenção primeira da visita. Como Dernival Venâncio Ramos Júnior não a conhecia senão por referências de antigos moradores, material em vídeo e impressos produzidos sobre a comunidade, essa era uma oportunidade. Dona França nos concedeu uma hora e meia de seu tempo, narrando algumas de suas vivências dentro e fora da Ilha de São José, nos descreveu um pouco da história da comunidade.

No domingo, dia 19, acordamos às 5h e nos dirigimos ao lago. Enquanto pescávamos o assunto era o mesmo: a Ilha de São José e a entrevista que fizéramos com Dona França. No entanto, foi dessas conversas que nos veio a ideia de realizar uma “roda de conversa” com os mais velhos moradores da Ilha e região. Os nomes que emergiram foram Dona França, Seu Raimundinho, Seu Bander, Seu Manoel, Dona Delia e Dona Iraci. Restava saber se aceitariam o convite. Por estarmos na região, no domingo mesmo, quando estávamos voltando para Araguaína, passamos na casa da Dona França e fizemos o primeiro convite. Ela aceitou e ficou muito feliz com a ideia de rever seus parentes, principalmente Seu Bander, que não o via há mais de 10 anos. A proposta era fazer um almoço na casa do Seu Bander. Prometemos que o cardápio seria os pratos que eles mais gostavam: peixe e frango caipira. Dona França falou do seu desejo de comer fidalgo ao molho (peixe abundante antes da formação do lago, mas que quase impossível de encontrar no ambiente lacustre).

Dias depois, na companhia de Dona Iraci a quem fizemos o convite para participar da roda, lhe explicando o que pretendíamos, visitamos Seu Bander em sua casa que fica em Carmolândia – TO cerca de 36 km de Araguaína – TO, para levar nossa proposta e saber se ele permitiria que fizéssemos o encontro em sua casa, de modo especial em seu quintal. Como era



o mais idoso, seria mais pertinente deslocar os outros possíveis entrevistados para sua casa. Ele aceitou nossa proposta e demonstrando felicidades falou: “isso me enche de alegria, saber que você tem esse cuidado comigo, de lembrar de mim, lembrar dos mais velhos” (Josué Ferreira de Carvalho, 2018). Saímos de lá com data marcada para o encontro. O próximo passo foi convidar Dona Délia e o Seu Raimundinho que estavam morando no Reassentamento Mirindiba (um dos 5 reassentamentos dos atingidos pelo Lago da Hidrelétrica de Estreito), na casa de sua filha Dorivam.

Depois de muita conversa para explicar o porquê da reunião, tio Raimundinho respondeu que nem sim e nem que não, vindo confirmar sua presença dias depois em um encontro em Araguaína. Faltava falar ainda com o Seu Manoel, que mora em Palmas – TO. Explicamos, por telefone, a proposta de fazer o encontro, mas ele não me deu esperança de ter sua presença, argumentando que não estava bem de saúde para realizar a viagem. Depois de tudo organizado, Dona França mandou me avisar que não viria. Diante dessa situação, conversamos com sua filha Maria, que entendendo o objetivo do encontro se comprometeu de trazê-la, com a condição que teríamos que levá-la de volta, o que ocorreu após realizada a roda de conversa<sup>2</sup>. Também foi necessário articular com Gilmária Sousa Carvalho e Francisca Ferreira dos Santos, que ajudariam no preparo do almoço, e Bruna Silva Cardoso e Plábio Marcos Martins Desiderio, que participariam da roda de conversa, além de gravar e filmar a sessão.

Em 15 de setembro de 2018, a data escolhida pelos narradores para a realização da roda de conversa em Carmolândia – TO, saímos às 8h de Araguaína em dois carros. No primeiro seguiam Josiel Ferreira Santos, Dona Iraci Ferreira dos Santos (entrevistada), Gilmária Sousa Carvalho e Francisca Ferreira dos Santos que ajudariam no preparo das comidas, enquanto no segundo carro seguiam Dernival Venâncio Ramos Júnior, Plábio Marcos Martins Desidério (responsável pelo registro com a câmara filmadora) e Bruna Silva Cardoso (responsável por fazer o registro escrito e gravado). No caminho, fizemos uma parada no povoado de Novo Horizonte – TO, onde reside Maria, a filha da Dona França, e que tinha ficado de ir buscá-la em sua casa. Chegando na casa da Maria fomos surpreendidos pela quantidade de membros do Clã Novato que nos esperava.

---

<sup>2</sup> No trajeto de retorno entre Carmolândia/TO e sua casa, Dona França concedeu, dentro do carro, uma entrevista para Bruna Silva Cardoso e Josiel Ferreira Santos.





Plábio Marcos Martins Desidério, encarregado da filmagem, esteve envolvido nos momentos mais divertidos da roda, pois era preciso ajustar a luminosidade e para conseguí-la foi necessária fazer várias mudanças no lugar em que estavam sentados os/as anciã(o)s, e com eles todos os que sentados estavam para gravar a conversa. Na procura do foco perfeito, também, mudamos várias vezes de lugar. Cada vez que eles tinham que fazer esses movimentos, eram gargalhadas que surgiam de todos os lados. Por fim, todo o cenário ajustado, nos organizamos embaixo de mangueiras e cajueiros, com gravadores e cadernos de anotações e iniciamos o diálogo. É bom que se diga que havíamos acordado que tanto faríamos perguntas quanto responderíamos perguntas que os/as anciã(o)s nos fizessem, pois estávamos, eles sabiam, “andando atrás da história da Ilha” e prontos a estabelecer um diálogo não hierarquizado protagonizado por sujeitos articulados à universidade e a comunidade.

Por cerca de uma hora e meia dialogamos e ouvimos a história da família nos tempos em que eles viveram juntos na Ilha de São José; também contaram muito do que sabiam da história da ilha e das famílias que conheceram. Um elemento a ser destacado, na roda de conversa, foi que eles contavam, a todo momento, dialogando e ancorando-se nos saberes uns dos outros. Perguntavam o que não lembravam ou sabiam mutualmente e, assim, foram construindo uma narrativa coletiva que, além de ouvida e registrada pelos pesquisadores, teve a escuta atenta de 6 gerações da família que se fez presente. Portanto, além do ganho acadêmico, o registro da história da família e da comunidade, revestiu-se de um caráter muito especial para todos que ali estavam: um momento formador (JOSSO, 2007) sobre a história da Comunidade Ilha de São José da qual faziam parte e foram arrancados.

Por outro lado, também aconteceram reencontros como o de Seu Bander e Dona França que há mais de 10 anos não se viam, e se abraçaram por um longo tempo. Depois de findada o momento da roda de conversa, os bate-papos entre eles e os membros da família que assistiam pareciam não ter fim. Havia uma espécie de comunhão em torno da história familiar e comunitária que o momento fomentou e que nos pareceu extremamente significativo. Ao término da roda de conversa e do almoço, sentíamos que ao promover esse reencontro, conseguimos criar uma situação de diálogo que foi significativa para todas as 6 gerações da família que estavam ali naquele dia e para os pesquisadores envolvidos na roda de conversa. Nós usaríamos as histórias gravadas para a construção de monografias, artigos e dissertações. Mas esse pareceu não ser o ganho fundamental dessa experiência. Foi um momento interessante



de confluência de interesses e que, por esse motivo, abriu espaço para um diálogo horizontal entre universidade e sociedade.

Para que conseguíssemos registrar a maioria da conversa, usamos três gravadores digitais, uma filmadora (que por um erro técnico, perdemos toda a filmagem), e dois cadernos de anotação. Posicionamos a câmara de forma estratégica de forma que ela enquadrava a roda de conversa, pois era o equipamento que mais cuidado demandava. Ela era operada por Pláblcio Marcos Martins Desidério, que ficou posicionado próximo a ela; Josiel Ferreira dos Santos, que é sobrinho dos entrevistados, ficou posicionado do lado direito, Dernival Venâncio Ramos Júnior ficou posicionado em frente aos anciã(o)s enquanto Bruna da Silva Cardoso, estava posicionada do lado da Dona Franca, na parte esquerda. Os gravadores e a câmara foram ligados pouco antes do início da roda de conversa. A gravação durou de 2:03:47 no gravador que estava à direita e 2:16:09 no gravador que estava à esquerda. Josiel Ferreira dos Santos e Bruna Silva Cardoso transcreveram a entrevista, em 8 sessões de trabalho nas segundas-feiras à tarde corrigiam o que o Josiel tinha transcrito durante a semana e continuavam a transcrever.

Na primeira sessão, ouvimos toda a gravação e traçamos a seguinte estratégia de trabalho: usaríamos os dois gravadores de forma que teríamos um deles como principal e o outro recorreríamos quando necessário. Escolhemos o gravador que estava com o Josiel para ser o principal e o da Bruna como secundários, não porque um estaria melhor que o outro, mas para termos um direcionamento. Como nos posicionamos estrategicamente, dependendo de quem conversava na roda, um gravava o que o outro não gravava. Portanto, quando a voz de alguém estava inaudível em um gravador por estar longe, recorriamos ao outro, que estava mais perto de quem estava falando naquele momento. Fizemos a transcrição o mais rápido possível, seguindo as recomendações dos especialistas de História oral (ALBERTI, 2004; THOMPSON, 1992; PORTELLI, 2010; MEIHY, 2018), pois assim fazendo teríamos o reconhecimento das vozes com mais facilidade mesmo que para parte da equipe isso não seria um problema, pois possui convívio com os participantes das rodas. A transcrição durou quatro meses e, ao final, tínhamos quase quarenta páginas de texto. Contudo, tivemos que ler tudo que estava transcrito ouvindo as gravações, fazendo um tipo de revisão.

### **A roda de conversa e ecologia dos saberes artesanais e científicos**



Quando pensamos em utilizar a roda de conversa para produzir o material que usaríamos na elaboração das pesquisas acadêmicas, não tínhamos dimensão do quanto a prática de transmissão de saber era usada pelos moradores da Comunidade Ilha de São José. Sabíamos da importância do estar em roda nas culturas tradicionais e, também, conhecíamos as experiências de Thompson (1992) com entrevistas coletivas no Reino Unido. Mas durante a pesquisa, na busca de compreender o dia a dia da comunidade, percebemos que a conversa em roda não era apenas uma forma de receber os vizinhos. Ela ia além, pois naqueles momentos negociava-se, fazia-se trocas, experiências e saberes eram produzidos e compartilhados. A pesquisa documental que realizamos nos arquivos domésticos de vários membros da família Novato encontrou duas imagens que retratam conversas em roda. A primeira fotografia, de 1990, quando a família ainda morava na Comunidade Ilha de São José. Nessa imagem (Foto 1), Seu Raimundo (sem camisa), Dona Adelaide (sua esposa) de vestido branco, Doracy, uma das filhas do casal. Clorisvan que também é filho, está sentado atrás das duas mulheres, na cadeira de descanso. Além deles, aparecem na foto os visitantes, Seu Getúlio (um dos irmãos de Seu Raimundo), e sua esposa Dona Miúda (Elvina Pereira do Nascimento), esses moravam em uma pequena propriedade em frente a Ilha no lado do Tocantins.

FOTO 1 – CONVERSA EM RODA REALIZADA PELA FAMÍLIA NOVATO NA  
ILHA DE SÃO JOSÉ EM JULHO DE 1990



Fonte: Acervo de Doracy Pereira Carvalho.

O seu Raimundo, ao centro da roda sem camisa, centraliza o momento. Todos estão no seu campo de visão e os rodeiam, observando atentamente por ser o mais velho e, ainda, o dono da casa. Ele lidera um mutirão de debulha de feijão e todos aproveitam o momento para conversar sobre assuntos variados, trocar informações com o seu irmão, Getúlio Ferreira da Silva, que sentado de costa e vestido de branco o visitava. Todos têm em Raimundo alguém que possa lhe ensinar algo, ou ser mais velho para eles e percebido como alguém experiente. Como diziam, alguém que tem muita história para contar. Por outro lado, naquele momento, ocupava um lugar que, em outro momento, poderia ser ocupado por sua esposa ou irmã.

Na comunidade, parece haver uma autoridade ligada à idade, já que na segunda imagem, que foi tirada na roda de conversa organizada pelos pesquisadores já citados, (Fotografia 2), quem tem esse papel de conhecimento é Seu Bander, porque além de ser o mais velho, é tio dos demais entrevistados. Quando falava com sua voz suave e baixa, talvez por sua idade (então com 97 anos), os demais observavam atentamente não só pelo respeito, mas também para aprender de suas experiências de vida, pois é assim que sempre fizeram.

FOTOGRAFIA 2 – RODA DE CONVERSA REALIZADA NA CASA DE SEU  
BANDER EM SETEMBRO DE 2018



**Fonte:** acervo dos autores.

Esta imagem de 15 de setembro de 2018, quando foi realizada a roda de conversa que resultou nas narrativas desta pesquisa, mostra a forma de roda que eles organizaram, quase espontaneamente. De um lado, os professores, que não aparecem na fotografia, do outro os conhecedores artesanais. Ao redor, à direita, como se pode ver, o público atento à narrativa. Seu Raimundo se sente à vontade, pois está novamente sem camisa da mesma forma na imagem anterior. Seu Bander, contudo, vestido com certa formalidade porque recebia visitas de sobrinhos que não via fazia tempo, conduziu, junto comigo, a Roda. Como mais velho, ele sabia que deveria transmitir os seus saberes. A roda, enquanto institucionalidade de construção de saberes artesanais, contudo, envolvia um desafio para a História oral, pois levava a uma entrevista coletiva. Essa forma de entrevista com mais participantes, contudo, foi considerada pelo historiador Paul Thompson (1992), que defende a participação de mais de uma pessoa no momento da entrevista. Isso nos fez perceber que a roda de conversa seria uma forma que, além de poupar nossos entrevistados, pois faríamos um só encontro onde todos estariam presentes, também um poderia ajudar o outro dando estímulos às memórias. Como ressalta Thompson:



Um velho casal, ou um irmão e uma irmã, frequentemente proporcionarão correções de informação positivamente úteis. Pode ser também que cada um estimule a memória do outro. Esse efeito acentua-se ainda mais quando se reúne um grupo maior de pessoas idosas. Nesse caso, haverá uma tendência muito mais forte, do que provavelmente, de que se apresentem generalizações a respeito dos velhos tempos; mas como eles discutem e trocam histórias uns com os outros, podem surgir alguns insights fascinantes. (THOMPSON, 1992. p. 266).

O estímulo à memória de que o autor fala foi percebido em toda entrevista. Quando um dos entrevistados não têm certeza ou esquece o nome de pessoas, ou lugares, recorre a outro dizendo que esse sabe dizer. Como percebemos no trecho que Seu Bander recorre aos outros entrevistados. “Vocês que tiver alguma coisa de lembranças vão contando aí. Eu to meio esquecido” (Josué Ferreira de Carvalho, entrevista oral, 14 setembro de 2018), dessa forma ele não só recorre aos demais entrevistados, mas lhes permite que falem.

A roda constituiu-se como um momento importante da pesquisa, pois, foi quando se produziu uma narrativa ampla sobre a Comunidade da Ilha de São José, bem como ela foi, sob muitos aspectos, uma experiência de composição entre o saber histórico artesanal e suas formas, como a roda de conversa, da qual falo abaixo e o saber científico que além do aparato técnico colocado em campo. Metodologicamente, nesse sentido, existe um duplo controle, o procedente do mundo artesanal e outro do mundo acadêmico e, por isso, a ecologia de saberes históricos artesanais e científicos ganha em legitimidade epistêmica. A roda de conversa “funcionou” em termos metodológicos porque a comunidades já fazia, tradicionalmente, conversas em roda. Mais que isso, as rodas eram uma das institucionalidades que organizaram a produção e reprodução dos saberes da vida na comunidade. Assim, a experiência conformou-se como uma ecologia dos saberes. Conforme Santos (2019), “[...] Os conhecimentos artesanais que circulam por toda comunidade são-lhe, no mínimo, tão bem conhecidos quanto o conhecimento científico que detém”. (SANTOS, p. 221, 2019), e conclui que tem que haver uma articulação entre esses saberes numa luta contra a dominação de um sobre o outro. A essas articulações ele chama ecologia dos saberes.

### **Roda de conversa enquanto acontecimento público de memória**

Não imaginávamos o significado que a roda de conversa que assumia para os sujeitos da comunidade. Como dissemos, ao chegar na casa de Maria, filha de Dona França, uma pequena multidão nos aguardava. Eles vieram espontaneamente participar, pois a notícia tinha



se espelhado na família e todos queriam ouvir sobre a história da Ilha que os anciãos “Novatos” contariam. No momento da realização da roda, além dos/as anciã(o)s, Raimundo Novato, Iraci Ferreira dos Santos, Francelina Ferreira de Carvalho e Josué Pereira de Carvalho (anfitrião), se fizeram presente mais umas 20 pessoas, o que mostra a importância daquele momento e de como os/as anciã(o)s possuíam o reconhecimento por parte dos membros mais novos da família. Mas também pode nos mostrar interesses de outras pessoas da família em levar os mais jovens para ouvir o que seria narrado sobre a história da Ilha e de sua família. Entre eles alguns dos seus filhos, noras, sobrinhos(a) e amigos. Também na cozinha, contribuíram com o preparo do almoço, além de Gilmária Sousa Carvalho e Francisca Ferreira dos Santos, Maria Coelho de Araújo, Iolanda Rodrigues de Carvalho e Terezinha Cardoso de Araújo e que atenderam os pedidos dos protagonistas daquele momento: peixe (fidalgo) e frango caipira preparado no fogão à lenha. No momento de realização da entrevista, havia um ar festivo de mutirão que envolvia todos os presentes no quintal de Seu Bander; também havia muita atenção ao que os anciãos/as falavam. Essa foi uma dimensão adicional da experiência: a participação de pelo menos 5 gerações do Clã Novato na experiência, contribuindo para reforçar a identificação das novas gerações com a história da Comunidade e com sua luta e resistência à construção da UHE de Estreito bem como com o fortalecimento de laços intergeracionais através da escuta dos mais velhos. Assim como não tínhamos noção da importância das conversas em roda para a Comunidade, tampouco consideramos que a experiência assumiria importância política, constituindo-se em ecologia dos saberes, mas, também, em acontecimento público; e em momento em que os mais jovens da comunidade e seus descendentes puderam, através da escuta dos mais velhos oportunizada pela roda, reviver, em algum nível, as institucionalidades tradicionais comunitárias perdidas com o deslocamento, bem como fortalecer a resistência às narrativas que circularam, através de financiamento dos construtores da UHE de Estreito (SILVA JÚNIOR, 2014), sobre as comunidades deslocadas e as populações ribeiras. Financiamento esse que tem participação presente do Estado como ressalta SILVA JÚNIOR.

Destarte, o que se dá na prática é que o Estado continua tendo um papel importante como financiador e liberando licenças ambientais que permitiriam a execução das obras, enquanto que a iniciativa privada aumenta seu acesso à produção e distribuição de energia elétrica e tem os lucros e o gerenciamento das obras sobre sua tutela. (SILVA JÚNIOR, 2014. p. 33)



A resistência agora por parte desses sujeitos que tiveram sua comunidade destruída pelo empreendimento é pela memória de seus povos. Suas narrativas foram ouvidas e colaboram com a construção das experiências passadas.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: textos em História oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, 245 p

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação, Porto Alegre, v. 30, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar**. José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda. 2 ed., 6ª reimpressão. São Paulo: editora contexto, 2018.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder**. Mnemosine, v. 6, n 2, p. 2-13, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Rev. Crítica de Ciências Sociais, 63, outubro de 2002: p. 237-280.

\_\_\_\_\_. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**, 1 ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SILVA JÚNIOR, Cícero Pereira da. **Memória, Dádiva e Distopia: Impactos Socioambientais da UHE de Estreito sobre a Ilha de São José – TO**. Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Universidade Federal do Pará – UFPA, 2014.

THOMPSON, Paul. **História oral: a voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.



## ANEXO I

### Os narradores e sua trajetória

Trazemos nesse tópico um pouco do perfil biográfico dos participantes da pesquisa. Para que no decorrer do trabalho os caros leitores tenham uma melhor ideia da importância de cada entrevistado. Desse modo, construímos o perfil dos narradores por meio de conversas que mantivemos em toda minha vida, ou como Seu Raimundo tem costume de falar, “quando eu tomei entendimento de gente”, portanto quando falhou a memória, recorremos a eles para escrever suas histórias de forma que minimizasse as lacunas.

FOTO 3 – SEU BANDER E SEU RAIMUNDO NOVATO



**Fonte:** Fotografia acervo dos autores.

Seu Bander (in memoriam) e Seu Raimundo são tio e sobrinho. Josué Ferreira de Carvalho, filho de Manoel da Paciência e Ana Ferreira Virgulino, nasceu no dia 22 de novembro de 1922, na região próxima da Ilha de São José, antigo Norte Goiano, atual Estado do Tocantins. Casou-se com Regina Rodrigues de Carvalho, morou por muitos anos próximo do Rio Brechão, trabalhou como lavrador e garimpeiro. Comprou uma pequena propriedade numa região



próxima de Xambioá, onde criava gado. Não teve filhos biológicos, mas adotou três: José Ferreira de Carvalho, Lindalva Ferreira de Carvalho e Iolanda Ferreira de Carvalho. Quando da roda, vivia da sua aposentadoria na cidade de Carmolândia – TO, numa casa sozinho, mas próximo do seu filho José que reside numa casa ao lado.

Raimundo Carvalho da Silva, filho de José Ferreira Carvalho (José Novato) e Quitéria Germano da Silva, nasceu na região próxima da Ilha de São José, no Estado do Tocantins, antigo Norte Goiano, dia 15 de março de 1936. Trabalhou desde menino na Ilha de São José, olhando o gado de seu pai, mas só em 28 de maio de 1958 foi que mudou definitivamente, quando se casou com Adelaide Pereira de Carvalho, com quem teve 14 filhos. Dona Adelaide foi para Ilha em março de 1956, para tomar de conta de um comércio que seu irmão mais velho tinha comprado.

Depois de casado continuou como a lida do gado, e sustenta com orgulho que foi das criações que teve na ilha que hoje ele tem as coisas. Gostava de olhar suas criações nas campinas a pastar, era um bom homem de negócios. Porém, sempre contou com sua companheira que não ficava para trás na arte do comércio. Dona Adelaide tinha jeito para o comércio e era ela que fazia as compras na cidade de Tocantinópolis e por último na cidade de Estreito – MA. O casal tinha um pequeno comércio na Ilha onde se vendia de tudo, algumas mercadorias que vinha por encomenda e outras de consumo diário, era uma das poucas casas que contava com uma geladeira, que funcionava a gás.

FOTO 4 – DONA FRANÇA E DONA IRACI



**Fonte:** Acervo dos autores.

Dona França (in memoriam) e Dona Iraci são irmãs. Francelina Coelho de Sousa, filha de José Ferreira Carvalho e Ana Maria Coelho de Sousa (conhecida como Ana Rapé), nasceu no dia 27 de março de 1930 na região próxima da Ilha de São José, no Estado do Tocantins, antigo Norte Goiano, e quando tinha 10 anos se mudou para a Ilha com sua mãe que tinha se separado do seu pai e casado com Miguel Pinheiro da Silva. Portanto, lá ela constituiu família, tendo 8 filhos, e só saiu da Ilha em 2010 contra sua vontade, pois a água do lago a obrigou.

Dona França sempre trabalhou com vazante e quebra de coco babaçu, que era de onde tirava o sustento de seus filhos. Tinha criação de porco, e “uma mão cheinha de gado” como ela mesma fala. Não gostava de pescar, mas não dispensava seu banho de mergulho no rio, e sempre fala que só deixaria de ir ao rio quando não desse conta de se arrastar até ele. E essa é uma de suas tristezas de não ter mais o rio para seus banhos. “Muito bom. Na beira do Brejão e de um riacho chamado Brejinho, muita água. Para mim agora tá banhando de caneco é o cúmulo” (Francelina Coelho de Sousa, entrevista oral, 14 setembro de 2018).

Não gostava de pescar, sendo que uma de suas atividades de diversão preferida era a caçada de tatu, fala que, geralmente, acontecia a noite e não se usava arma de fogo, mas sim



um ou dois cachorros que farejava o animal até encurralá-lo em um buraco, depois era cavar com o auxílio de um enxadão e uma pá, que terminava na captura do animal.

Iraci Ferreira dos Santos, filha de José Ferreira Carvalho (José Novato) e Quitéria Germano da Silva, sendo a casula do casal, nasceu na região próxima da Ilha de São José, no Estado do Tocantins, antigo Norte Goiano, dia 10 de março de 1940. Com 26 anos se casou com José da Silva Santos, que já morava na Ilha e que tinha ficado viúvo com 8 filhos, sendo assim se mudou para casa do seu companheiro e juntos tiveram mais 7 filhos.

Em 1971, o casal comprou uma casa em Estreito Goiás, atual Aguiarnópolis – TO. Essa moradia ficava às margens da rodovia BR 153, onde montaram um pequeno comércio. Residiram nesse lugar até 1979, quando compraram uma chácara de 3 alqueires no Estreito Maranhão, às margens do Rio Tocantins. Com os saberes de manejos da terra, o casal tinha certeza de que era a melhor forma de criar seus filhos, pois não passariam necessidades por falta de comida, pois a terra e o rio lhes suprirão com ambulância. Portanto, em 1992, após um ano do falecimento do seu esposo, se muda com seus filhos para Araguaína – TO, onde reside atualmente.

Seu apego com o lugar onde nasceu é percebido quando chega em visita ao seu sobrinho que reside hoje na casa em que ela nasceu. Sendo que até hoje, depois de quase 10 anos que o lago cobriu a Ilha, ela ainda tem muita tristeza de olhar para onde ficava sua primeira moradia depois de sair da casa dos pais. Como nos contou “eu não gosto nem de olhar pra lá, de jeito nenhum, principalmente lá em casa. Meu Deus do céu”. (Iraci Ferreira dos Santos, entrevista oral, 14 setembro de 2018).

Portanto, morando em Araguaína, está no centro de onde os seus parentes moram atualmente. Isso lhe permite sempre os visitar nas suas novas moradas nos reassentamentos, sendo que a sua paixão é a região próxima da Ilha de São José, local conhecido como Brejão, o mesmo nome do Rio que banha a propriedade.

**Artigo recebido em: novembro/2023**

**Artigo aceito em: março/2024**